

FEMINISMO E EDUCAÇÃO: O PAPEL DA ESCOLA NA DESCONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS

Resumo.

Este trabalho buscou investigar e refletir sobre algumas indagações e questionamentos a respeito do papel da escola como propagadora dos estereótipos. A pesquisa teve como objetivo principal refletir sobre o papel das escolas na desconstrução dos estereótipos de gênero. Para tanto esta pesquisa se apoiou nos conceitos de feminismo e Gênero com embasamento nos autores: Márcia Tiburi (2021), Chimamanda Adchie (2017), Joice Berth (2020) para delineamento dessa escrita e no conceito educação buscando teóricos como Oliveira e Freitas para uma análise do tema proposto para a discussão. A metodologia da pesquisa foi baseada na revisão de literatura, buscando na literatura as discussões que já haviam sido debatidas sobre o assunto. Os resultados alcançados foi analisar na literatura e nos diversos campo de atuação docente perceber que a educação deve ser pautada na formação de sujeitos críticos, partícipes da sua própria história e da tomada de consciência da sua realidade e daqueles que vivem ao seu redor, pautada em um ensino/ aprendizagem significativos para os sujeitos sociais se tornem cidadãos politicamente ativos para atuarem na mudança de sua própria realidade. A conclusão que se chegou é que a educação é a principal aliada para que a desconstrução dos estereótipos venha a acontecer.

Palavras-chave: Feminismo. Gênero. Educação.

1 Introdução

Por muito tempo, as mulheres eram vistas como seres incapazes, frágeis, não se acreditava até onde elas poderiam chegar com o seu potencial sendo excluídas e silenciadas pela família e/ou sociedade fortemente marcada pelo machismo e o patriarcado que ainda está enraizado nos modos de viver e as perspectivas negativas se perpetuam em torno destas. A partir das lutas, movimentos feministas, e a força das mulheres, foi possível a união em torno da defesa por direitos sociais, mostrando a sua capacidade na realização de diversas atividades tidas como exclusivamente masculinas e permitindo às mulheres a realização pessoal, para além da esfera doméstica.

Com as inúmeras discussões sobre gênero, empoderamento feminino e o feminismo as mulheres conseguiram garantir mais visibilidade para conquistar seu espaço na sociedade e serem vistas como alguém capaz de fazer qualquer atividade independente de ser mulher, e conquistar tudo o que elas desejam, como também a garantia dos seus direitos sociais. As questões de gênero são pautadas na sociedade, visto que ainda há uma desigualdade em torno do ser homem e ser mulher. Uma dessas desigualdades diz respeito a diferenças salariais, mesmo desempenhando as mesmas funções trabalhistas. Estas desigualdades podem ser

perpetuadas em casa, nas escolas, nos contextos sociais de um modo geral, e usualmente, se materializam a partir de discriminações apoiadas em estereótipos que são normalizados e perpetuados nas esferas educacionais e sociais. Sendo nítido e perceptível nas escolas em espaços e atividades/ brincadeiras que são marcadamente tidas como masculinas.

Diante de algumas observações no campo de atuação profissional numa escola campesina foram observadas estas frequentes ações nas mais diversas formas de interações entre os educandos. Surgiram então algumas inquietações que permitiram o estudo e o desenvolvimento desta pesquisa. Partindo justamente da observação de algumas situações numa turma do terceiro ano das séries iniciais, com alunos entre oito e dez anos de idade de uma escola no campo, foi possível observar algumas situações que despertaram o interesse em fazer algumas indagações e análises enquanto docente que busca uma pedagogia da diferença (FREIRE, 2022). Observou-se ali o quanto era imprescindível o olhar/ atuação reflexiva, sobretudo por se tratar de escola situada na zona rural, em que na maioria das vezes apenas transmitir conhecimento é suficiente. Naquela realidade, muitas informações chegam até os sujeitos de forma distorcida e estereotipada, desde o ‘ser da roça’, em que o camponês é visto de forma estereotipada. Além disso, inúmeras vezes, a educação que lhes é oferecida é descontextualizada, não é levado em consideração a sua realidade e a forma de viver.

Diante de observações feitas em sala de aula e de uma educação pautada na reflexão da prática educativa foi possível perceber que alguns estereótipos ainda são perpetuados pela escola, tais como: a cor rosa é só de meninas, o jogar futebol é só para meninos e o cuidar é atributo das mulheres desde a infância, pois as meninas já trazem essa responsabilidade do cuidar de crianças menores que elas. Sendo desde a infância demarcados os papéis que vêm a ser do homem e o papel atribuído às mulheres, demarcando as posições de poder, do papel atribuído a cada um deles, simplesmente por ser menino ou menina, homem ou mulher (AUAD; FONSECA e SILVA; ROSENO, 2019).

Posto isso, viver em uma sociedade que silencia e invisibiliza os sujeitos sociais de acordo com o gênero, a perpetuação das desigualdades que tem suas raízes no patriarcado requer lutas constantes na busca por assegurar esses direitos sociais e uma visibilidade para todas. Tendo o gênero como um marcador social e o objeto de disputas políticas e sociais (FORMIGA, FELDENS, ARDITTI, 2023).

As mulheres ainda hoje são tratadas de tal forma, que sua subjetividade é reduzida, muitas vezes, à sombra do homem. Um jogo de poder onde o homem sai um passo à frente das mulheres, pois são privilegiados na estrutura social, onde há uma dominância fortemente masculina. As mulheres, mesmo com tantas discussões, lutas e questionamentos, muitas vezes ainda ocupam um lugar de subserviência, intelectualmente, financeiramente e socialmente. E isso pode estar enraizado na estrutura social, nas demarcações de poder, na separação nas salas de aula, de meninos e meninas, na cor específica de acordo com o gênero, nas brincadeiras de menina e meninos, que, por outro lado, não são estimulados a brincarem juntos. Os estereótipos são veiculadores de preconceitos de gênero, raciais, entre outros, pautados no modelo de sociedade em que aqueles que estão fora dos padrões normatizados são marginalizados e invisibilizados. Nesse sentido, a escola e os educadores/as têm um importante papel na destereotipação.

Com isso, a partir desta pesquisa busca-se refletir sobre algumas indagações e questionamentos a respeito do papel da escola como propagadora dos estereótipos. Qual o papel da escola na desconstrução dos estereótipos que a sociedade ainda mantém e perpetua? Qual a contribuição dos educadores na desmistificação do feminismo e no entendimento dos alunos sobre o machismo e seus impactos na sociedade e na vida das mulheres? Desta forma, o presente trabalho tem como objetivo geral refletir sobre o papel das escolas na desconstrução dos estereótipos de gênero.

METODOLOGIA

A presente pesquisa é de natureza qualitativa, de caráter exploratório e descritivo e será realizada através de uma revisão bibliográfica do tipo narrativa.

Dessa maneira, foram utilizados os descritores: feminismo, Gênero e educação. As plataformas de pesquisa utilizadas foram: Capes e Scielo, com recorte temporal dos últimos cinco anos e obras impressas dos últimos sete anos. As principais referências teóricas foram obras de Chimamanda, Joice Berth e Márcia Tiburi, Bell Hooks.. Foram excluídos os textos que apresentavam apenas um dos descritores e com o tempo superior a cinco anos de publicação com uma temática voltada à educação. Os artigos encontrados foram:

Título	Autor	Revista	Ano
--------	-------	---------	-----

Feminismos interseccionais: problematizando o sujeito do feminismo	Giceli Carvalho Batista Formiga; Dinamara Garcia Feldens; Roberta Gusmão Arditti	Revista Brasileira de Educação	2023
Por uma epistemologia feminista: apontamentos teóricometodológicos para o fortalecimento das discussões das relações de gênero no campo da educação	Tamires Aparecida Batista de Oliveira; Maria Helena Santana Cruz	Revista Labor	2022
Empoderamento feminino e literatura: uma proposta didática para o ensino	Maria da Conceição Macedo de Freitas	Anuário de Literatura	2020
Poder, patriarcado e (r) existência: notas sobre uma experiência sensível e crítica entre mulheres na academia	Paula Tatiane Cardoso; Carla Regina Silva; Fernanda de Cássia Ribeiro	Interface	2022
Para educar crianças feministas um manifesto	Chimamanda Ngozi Adichie	Companhia das letras	2017
Feminismo em comum para todas, todes e todos	Márcia Tiburi	Rosa dos tempos	2021
Empoderamento	Joice Berth	Jandaíra	2020
Gênero na educação básica brasileira: a inconstitucionalidade de projetos proibitivos	Daniela Auad; Janaína Guimarães da Fonseca e Silva; Camila Roseno	ETD- Educação Temática Digital	2019
Pedagogia da autonomia/ A educação como prática da liberdade	Paulo freire	Paz e terra	2022

Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade	bell hooks	Editora WMF Martins Fontes	2017
---	------------	-------------------------------	------

Os resultados foram organizados a partir das seguintes categorias analíticas: Feminismo e as questões de gênero; Educação pela igualdade de gênero.

3.Feminismo e as questões de Gênero

As múltiplas existências da nossa sociedade que ainda traz em seu bojo os resquícios da era colonial, onde prevaleciam/prevalecem valores calcados no machismo, a misoginia e na desigualdade de gênero, de raça, territorial e classe social que são fortes marcadores sociais é um desafio permanente. Diante disso o feminismo deve ser pensado como o “desejo por uma democracia radical voltada à luta por direitos daqueles que padecem sob injustiças que foram armadas sistematicamente pelo patriarcado”. (TIBURI, 2021 p,12).

As mulheres ainda hoje são tratadas de tal forma, que sua subjetividade é reduzida, muitas vezes, à sombra do homem, do silenciamento e das múltiplas formas de violência que estas mulheres sofrem. Um jogo de poder onde o homem sai um passo à frente das mulheres, pois são privilegiados na estrutura social, onde há uma dominância fortemente masculina “advindas de processo hegemônicos de poder e de dominação do patriarcado, do colonialismo e do capitalismo” (CARDOSO; SILVA; RIBEIRO, 2022, p.1). As mulheres, mesmo com tantas discussões, lutas e questionamentos, muitas vezes ainda ocupam um lugar de subserviência, intelectualmente, financeiramente e socialmente. E isso pode estar enraizado na estrutura social, na separação, nas salas de aula, de meninos e meninas, na cor específica de acordo com o gênero, nas brincadeiras de menina e meninos, que, por outro lado, não são estimulados a brincarem juntos.

Chimamanda (2017) em seu livro para educar crianças feministas traz um pouco essa sistematização de poderes demarcada pela sociedade. A autora relata que as cores tidas como femininas expressam ideias: um rosa pouco chamativo, pálido, enquanto as cores tidas como masculina são mais vibrantes chamam mais atenção, especialmente o azul, que é uma cor primária. Ela ressalta que os papéis de gênero são engendrados desde cedo pela sociedade. Neste caso, entende-se que as crianças já nascem com o seu papel na sociedade, por aqueles

que as cercam, mesmo antes de nascer. As demarcações de poder já estão sistematizadas e enraizadas.

A mesma autora ainda relata que da mesma forma que as cores são demarcadas por gênero não é dessemelhante com os brinquedos, “fiquei impressionada com isso. Eu não tinha percebido ainda como a sociedade começa tão cedo a inventar a ideia do que deve ser de um menino e o que deve ser de uma menina. Eu gostaria que os brinquedos fossem divididos por tipo, não por gênero” (ADICHIE, 2017, p.25).

Desta mesma forma ocorre dentro dos diversos espaços sociais, havendo a demarcação de brincadeira que estão relacionadas ao gênero, brincadeiras de menino e de menina, como também há essa divisão dentro das instituições escolares. Assim

produzem desigualdades, violações, violências e exclusões na composição do sistema global mundial. A dominação social, política e cultural está relacionada com a desigualdade na distribuição do poder. As opressões e os efeitos das desigualdades e exclusões incidem sobre os que têm menos poder de formas diversas, com consequências nas condições e possibilidades de vida de pessoas, grupos e populações (CARDOSO; SILVA E RIBEIRO, 2022, p.4).

Nesse sentido as mulheres são impedidas de desempenhar determinadas funções e atividades, pois estas são tidas como masculinas, impedimentos que ocorrem desde cedo, da infância à vida adulta. Um exemplo deste fato é o futebol brasileiro, o futebol masculino é bem mais valorizado, reconhecido e admirado do que o futebol feminino que é arraigado de preconceito e estereótipo. Esse fato adentra as instituições de ensino, para os meninos a melhor e única brincadeira a ser praticada é o futebol, para as meninas outras formas de brincar. Desta forma sendo fortemente marcadas pelo “silenciamento, a invisibilização e a anulação de saberes, fazeres e existências que fogem aos pilares da construção da verdade, do universal e do dominante na sociedade moderna, enquanto efeitos das relações de poder sob égide do patriarcado” (CARDOSO; SILVA E RIBEIRO, 2022 p.10).

Sabe-se que “vivemos imersos em relação de força ou relações de poder” (CARDOSO; SILVA E RIBEIRO, p.10. 2022) nas mais diversas formas de estereótipos que ainda se perpetuam na sociedade, mas os movimentos feministas vêm criando ou descobrindo em si mesmos mecanismos ou ferramentas de atuação em prol da tomada de consciência da coletividade (BERTH, 2020). As relações de poder e as demarcações do papel do homem e da mulher são fortemente marcadas e vistas nos “espaços domésticos, espaço da produção,

espaço de mercado, espaço da comunidade, espaço da cidadania e espaço mundial”(p.6) que rescinde nas mais diversas formas de opressões e violências contra a mulher. “É preciso considerar que as estruturas patriarcais, machistas e sexistas oprimem mulheres e todas as expressões dissidentes de gênero” (CARDOSO; SILVA E RIBEIRO, 2022, p.10).

O gênero define e “expressa um campo de disputas teóricas e políticas, e estruturas na sociedade”, um marcador social acabando por “evidenciar processos de exclusão, apagamento e silenciamento de modo de vida subalternos” (FORMIGA; FELDENS; ARDITTI, 2023, p.4). Nesse sentido os processos educativos escolares dizem muito sobre a forma como a sociedade está estruturada, sobre as formas de agir e pensar. A Educação deve ser capaz de trabalhar na superação de estereótipos que significam opressão.

4. Educação pela Igualdade de Gênero

Compreender a importância da educação enquanto processo de libertação, como diz Paulo Freire em Pedagogia do Oprimido (2005), ou de empoderamento feminino, de acordo com bell hooks em Ensinando a Transgredir (2017), mostra ser o caminho mais viável para que se tenha uma reparação das opressões contra as mulheres. Contudo a educação brasileira deveria ser pautada para,

Transcender a aquisição e construção de conhecimento dos estudantes (...) importantes mudanças que a sociedade hodierna enfrenta, o trabalho transdisciplinar e temático no currículo escolar é um caminho para a formação de cidadãos críticos às diferenças e receptivos a transformações (...) a fim de construir espaços de discussão que desenvolvam a criticidade (...) bem como a reflexão de sua própria identidade (FREITAS, 2020, p.204).

Conforme a literatura ((AUAD; FONSECA e SILVA; ROSENO, 2019) , é perceptível que alguns estereótipos ainda se perpetuam, mesmo diante de tantas discussões sobre estas abordagens. Para as meninas, as brincadeiras ainda são brandas, nos cantinhos, quietinhas, enquanto o jogar bola e ocupar as quadras é só para meninos, O brincar de boneca é visto como anormal para os meninos, mesmo que eles ajudem suas mães no cuidado de suas irmãs mais novas. O brinquedo boneca é vedado.

A busca feminina pela igualdade de direitos e de espaços na sociedade hodierna ainda é uma realidade para aquelas que, ao longo de muitos anos, permaneceram mudas, às margens de uma civilização patriarcal e opressora. A ideia da mulher subordinada ao homem, mulher do lar, mulher mãe, tem embasamento ancestral (FREITAS, 2020, p.206).

A desnaturalização do que vem a ser o espaço da mulher na sociedade é possível por meio da educação, que se torna o caminho elegível para superação de estereótipos, com profissionais empenhados em alcançar tais objetivos, formação de qualidade e continuada.

Em diversas vezes o âmbito educacional é um dos responsáveis por reproduzir estereótipos de gêneros e hierarquias sociais, no instante em que se tem a caracterização de que meninas são de um jeito e meninos são de outro (...) e a escola tem um papel fundamental na informação e na desnaturalização às violências de gênero, colaborando para que os alunos se informem e reconheçam a si mesmo (OLIVEIRA; CRUZ, 2022 p.57,58).

Paulo Freire, em seus escritos Educação como prática de liberdade (2022) e Pedagogia da autonomia (1996), já sinalizava que a educação se constituía enquanto instrumento potencializador para uma prática de liberdade e conseqüentemente uma ascensão intelectual, mas que alguns modelos de educação básica serviam apenas para, como ressalta bell hooks (2017), “reforçar a dominação”, em oposição à Educação como prática da liberdade (hooks, 2017, p.12)

Discussão de gênero dentro do campo da educação precisa ocorrer com o emprego de estratégias metodológicas dialógicas e também participativas, visto que o diálogo é o elemento que contribui para a produção de conhecimento na escola, por exemplo, em um espaço democrático todos/as precisam expor suas ideias, e estas precisam ser ouvidas/os respeitadas/os (OLIVEIRA; CRUZ, 2022, p.58).

É importante que se tenha uma educação emancipatória, libertadora que venha a despertar a autonomia e a tomada de consciência dos sujeitos sociais, que se debrucem sobre os temas que mais causam angústias, que promovam reflexões acerca dos diversos temas que ainda perpetuam as desigualdades na sociedade (CÁSSIO, 2019), buscando a mudança da realidade daqueles menos favorecidos, e pela superação dos estereótipos que causam violência e discriminação.

4 Conclusão

A necessidade e a importância de superar os veiculadores de preconceito e discriminação são possíveis desde que se tenha o interesse no reconhecimento de sua existência. É possível, a partir do olhar de docente pesquisador e inquieto, flagrar os estereótipos que ainda se perpetuam e, com a análise reflexiva, dimensionar se a prática educativa corrobora para a desconstrução ou manutenção dos mesmos. A principal arma para que isso aconteça é uma educação pautada na formação de sujeitos críticos, partícipes da sua própria história e da tomada de consciência da sua realidade e daqueles que vivem ao seu

redor, pautada em um ensino/ aprendizagem significativos para os sujeitos sociais se tornem cidadãos politicamente ativos.

Uma educação que venha quebrar estes paradigmas estereotipados é essencial para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, onde mulheres e homens possam desfrutar dos mesmos direitos. O feminismo é um importante campo de discussão visto que as mulheres ainda sofrem com o patriarcado e com o machismo. Os estereótipos precisam ser desconstruídos, e a educação é a principal aliada para que isso venha a acontecer. As teorias feministas trouxeram a necessidade de fomentar discussões que refletissem o papel da mulher na sociedade, não mais de invisibilidade e subserviência, restrita ao espaço doméstico, mas desta mulher no espaço público e onde desejar estar.

A sociedade molda constantemente a nossa forma de pensar e agir de modo a atender os interesses das classes dominantes, e é necessário mudar esse paradigma. Para tal, é importante defender uma educação dialógica e fomentada em uma pedagogia da diferença, da liberdade e da transformação (FREIRE, 2022). Pois, como o patrono da educação defendia, educar não é apenas transmitir conteúdos, conhecimentos, mas criar possibilidades para que os educandos possam vir também a produzir conhecimento.

Diante do que foi elucidado é necessário que se tenham o olhar atento dentro das instituições escolares para que haja uma educação pautada na superação de todas as formas de opressão e silenciamento impostos, com a desconstrução dos estereótipos, que resultam em diminuição de uns, em detrimento do sucesso de outros.

Referências

ADCHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: Um manifesto**. Tradução Denise Bottmann- 1ª ed. São Paulo, Companhia da Letras, 2017.

AUAD, Daniela; FONSECA E SILVA, Janaína Guimarães da ; ROSENO Camila. Gênero na educação básica brasileira: a inconstitucionalidade de projetos proibitivos. **etd- educação temática digital**, campinas, sp v.21 n.3 p.568-586 jul./set. 2019

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Jandaíra, 2020.

CARDOSO, Paula Tatiana; SILVA, Carla Regina; RIBEIRO, Fernanda de Cássia. Poder, patriarcado e (r) existência: notas sobre uma experiência sensível e crítica entre mulheres na academia. **Interface**, Botucatu, 2022.

CÁSSIO, Fernando (org.). **Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar**. São Paulo: Boitempo, 2019.

FORMIGA, Giceli Carvalho Batista; FELDENS, Dinamara Garcia; ARDITTI, Roberta Gusmão. Feminismos interseccionais: problematizando o sujeito do feminismo. **Revista Brasileira de Educação**. V.28. São Cristovão, 2023.

FREIRE, Paulo. **A educação como prática de liberdade**. -52 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 52. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FREITAS, Maria da Conceição Macedo de. Empoderamento feminino e literatura: Uma proposta didática para o ensino. **Anu. Lit**, Florianópolis, 2020

OLIVEIRA, Tamires Aparecida Batista; CRUZ, Maria Helena Santana. Por uma epistemologia feminista: Apontamentos teórico- metodológicos para o fortalecimento das discussões das relações de Gênero no campo da Educação. **Revista Labor**. V.1, N.27. Fortaleza, 2022.

TIBURI, Márcia. **Feminismo em comum: para todas, todos e todes** Rio de janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.